

Sarney - Discurso. O GLOBO

Suspensão não é uma atitude de confronto. País quer negociar

21 FEV 1987

Foto de Gustavo Miranda

"É com grande emoção que eu falo à Nação para dizer que depois de ouvir o Conselho de Segurança Nacional, que é composto por todos os ministros de Estado, o Presidente do Supremo Tribunal Federal, os presidentes da Câmara e do Senado, os chefes dos Estados Maiores das Forças Armadas; e depois de ouvir o Conselho de Segurança por mim convocado, tomei uma decisão de grave importância para a história do Brasil contemporâneo.

"Quero anunciar que o País suspende o pagamento dos juros de sua dívida externa. Devo confessar que não é fácil tomar uma decisão dessa magnitude, ela é sobretudo uma atitude de coragem, uma atitude de quem tem fé no nosso Brasil.

"Vamos negociar uma fórmula de amortizar os nossos compromissos dentro de parâmetros que não comprometam o desenvolvimento nacional. Uma fórmula que evite a instabilidade política que, fatalmente, viria seguida de recessão, desemprego e crise social. Mas, eu devo dizer que esta não é uma atitude de confronto. O Brasil não é país de confronto. O Brasil, oitava economia do mundo ocidental, não deseja ser uma economia autárquica fora da comunidade internacional. Deseja, sim, uma negociação justa, queremos uma economia de livre mercado: competitiva, dinâmica, moderna e com o direito de crescer.

"Fizemos um grande esforço para ativar o nosso comércio exterior. Mas, não podíamos fazê-lo à custa de uma política recessiva, cujo o único objetivo seria o de gerar saldos comerciais esquecendo os inadiáveis interesses do País. O Brasil não deseja enganar ninguém, mas quer ter condições exequíveis de pagamento. No momento da negociação, à mesa da negociação, nós diremos as condições que não comprometam os objetivos do crescimento nacional. Por motivo de soberania e segurança nacional nossas reservas têm de ser preservadas.

"Desde o princípio do governo eu estabeleci que este seria o nosso procedimento. E marquei o limite. Agora, chegou o momento da decisão. Quero deixar claro que fizemos uma opção consciente, longamente amadurecida. Uma decisão pensada e sem afoiteza. O Brasil tem hoje, reservas suficiente para atender às importações por vários meses. Nossas reservas líquidas e disponíveis, posso assegurar à nação, que são de US\$ 3.962 milhões. Os países, não costumam revelar as suas reservas, mas eu o faço transparentemente nesta noite justamente para evitar interpretações equivocadas daqueles que não acreditam em nosso País.

"A situação é totalmente diferente de 1982. Ai sim, naquela época houve um constrangimento de fato porque o Brasil não dispunha de recursos para honrar seus compromissos. Não dispondo de divisas, nem sequer para financiar importações essenciais, nós ficamos à mercê dos credores que nos impuseram suas condições e não tivemos condições de resistir. O Brasil teve de recorrer ao Fundo Monetário nas condições bem conhecidas.

"Hoje, isto não ocorre. Temos recursos suficientes e, com as medidas tomadas agora, preservamos nossas divisas e fortalecemos nossa posição para negociar. O que nós não queremos mais são paliativos ou soluções provisórias. As medidas atuais demonstram a determinação do Governo de criar condições adequadas para que a questão da dívida possa ter um encaminhamento definitivo. Uma solução duradoura que resulte de um entendimento amplo e justo que crie estabilidade.

"Ora, o papa João Paulo II foi muito claro ao falar recentemente desta questão. E ele disse que a questão do endividamento exter-



Sarney gravou pronunciamento após se reunir com Conselho de Segurança

no é também um problema ético, isto é, um problema moral. O endividamento não pode prejudicar as necessidades básicas da vida de um povo. Negociaremos a partir de uma posição de autonomia e com uma noção clara dos objetivos de longo prazo.

"Agora, quero responder a uma pergunta que deve estar na mente de todas as brasileiras e brasileiros: por que as nossas reservas baixaram? Quando eu assumi o governo em março de 1985 elas eram de US\$ 7.800 milhões. No ano de 1984, o ano anterior a minha assunção à presidência da república, ingressaram no Brasil US\$ 9 bilhões de dinheiro novo. Pois bem, em 1985 e 1986 os dois anos do meu governo, nem um dólar líquido. E nestes dois anos, ao contrário, nós tivemos uma saída líquida de US\$ 1.400 milhões.

"Nossas exportações caíram cerca de 10 por cento em 1986, cerca de US\$ 3.300 milhões a menos. Por quê? Porque o mercado interno cresceu. Importamos alimentos e outros bens necessários ao abastecimento. E por outro lado, os preços dos produtos principais e dos manufaturados caíram no mercado externo, numa tendência que vem de muito tempo.

"Agora, um outro dado ao povo brasileiro.

Nós últimos cinco anos o Brasil pagou US\$ 55.800 milhões somente em juros. Repito, nós não podemos pagar a dívida com a fome do povo. Nas Nações Unidas eu já adverti há dois anos, no discurso que ali proferi: esmagados sob o peso de enorme dívida externa, vivem os países da América Latina um quadro de graves dificuldades, cujas repercussões internas se traduzem em recessão, desemprego, inflação, aumento da miséria e da violência. Mas afirmo: a dívida não nos leva à dívida, temos certeza que esta conta, com esses altos custos sociais e econômicos, a ser mantida a situação atual, é paga com a liberdade porque um débito pago com a miséria, certamente é uma conta que se paga com a democracia.

"Meditei, avalei as conseqüências porque medidas desta natureza implicam naturalmente em riscos. Mas eu não encontro nada, absolutamente nada que estruturalmente mostre que o Brasil tenha um obstáculo insuperável à sua frente. Não temos motivo para temer qualquer catástrofe. Agora, temos de ter a noção de tempo. O Brasil tem que se preparar para o século XXI e, para isso, é necessário um programa coerente e firme que caminhe.

"Tivemos no nosso Plano Cruzado a valorização do trabalho, e o fim da especulação. As coisas nem sempre se processam como a gente deseja. Mas temos de continuar procurando esses objetivos com obstinação.

"Vamos chegar a 28 de fevereiro, um ano. Não temos agora aquela inflação baixa que todos nós esperávamos. Eu, junto com todo o povo brasileiro, como cidadão, e mais ainda, como Presidente da República que colocou todas as suas energias no sucesso de um programa tão bem delineado que está vivo e vai continuar. Mas, fecharemos esses 12 meses com uma inflação em torno de 60 por cento. Mas não teremos os 252 por cento de 1985 nem os mais de 500 por cento projetados para 1986.

"Agora, eu sei que todos têm uma outra pergunta para o Presidente: e o futuro? O primeiro passo, é a providência que estou anunciando: suspensão do pagamento dos juros da dívida a fim de negociarmos fórmulas que não comprometam nosso crescimento econômico. Em seguida, teremos que por em prática um severo plano de contenção, executar um programa consistentes de estabilização da economia, consolidando a manutenção do crescimento e do emprego, essenciais.

"Fala-se sempre que o Governo não contribui com sua parte. Pois bem, de início, nesta noite, eu afirmo três pontos como início da contribuição do Governo: durante 6 meses o tesouro só gastará o que arrecadar, as empresas estatais somente farão investimentos com recursos gerados por suas próprias receitas ou recursos já identificados e efetivamente disponíveis. Vamos proceder a uma previsão global dos subsídios. Submeterei ao Congresso, imediatamente, um projeto de lei que regulará as condições de sua aplicação e, principalmente, as correspondentes fontes de receita. O Governo oferece a sua parte. Agora, devo dizer que para o Brasil não sofrer com o seu povo o que pode suportar, é preciso a união de todos os brasileiros em torno desta luta para que vencamos juntos essa hora.

É hora de patriotismo responsável. Nada de traição ao País sob o pretexto de criticar o governo que apenas herdou esta dívida do passado, e que vai pagá-la sem hipotecar as gerações futuras. O Brasil tomou a sua decisão e acredito que tomou apoio unânime do seu povo, que há muito tempo deseja um passo mais firme no terreno da solução da dívida externa. Precisamos sentar à mesa de negociações no exterior com autoridade de um País soberano e de um governo apoiado pelo seu Povo.

"Segundo: entendimento nacional para derrotar a inflação, afastar a recessão, manter o nível de emprego para restabelecer a confiança, para os investimentos voltarem e para manter o nível do poder de compra real do nosso trabalhador. Enfim, para acabar com o ciclo de mão-de-obra barata que é aviltante. Para alcançar essas metas tão ambiciosas é necessário tempo. Essa medida hoje tomada, inserida dentro do contexto da nossa política econômica, tem por objetivo também, e principal, melhorar a vida de nosso povo.

"Eu convoco os políticos, os trabalhadores, os empresários; capital e trabalho, forças vivas da Nação. Profissionais liberais, estudantes, Igrejas, o povo todo, brasileiras e brasileiros, para ajudar o País nesta hora. Hora grave mas que será superada pelo nosso trabalho, nossa dignidade e pela nossa união. Unidos, essa é a palavra de ordem. Porque o futuro é nosso, de minha parte eu peço-lhes: tenham confiança.

"Muito obrigado e que Deus vos abençoe."

21 FEV 1987